

The background of the page is a close-up, high-angle photograph of numerous skeins of white yarn. The skeins are arranged in a dense, overlapping pattern, creating a rich texture of fine, parallel threads. The lighting is soft and even, highlighting the natural sheen and slight variations in the white color of the wool. The overall composition is clean and minimalist, focusing on the tactile quality of the textile.

Imagens de Sulanca

por PEDRO FAVARO

O nome do filme não faz jus ao que ele é. *Sulanca: A revolução econômica das mulheres de Santa Cruz do Capibaribe* parece o título de um trabalho acadêmico. Porém, não há nada de acadêmico nas coisas que concedem ao filme de **Kátia Mesel** algum tipo de vida e fascinação. Que existe uma revolução econômica e que ela vem das mulheres da cidade já fica claro no momento em que vemos as imagens. Se o título fosse qualquer outro, isso ainda seria evidente. Não é necessário que essas imagens sejam nominadas, pois elas mesmas se nomeiam. Apesar da constante afirmação de que a obra pretende enaltecer o fenômeno econômico, sustentado praticamente por mulheres e pela fabricação de Sulancas de Santa Cruz do Capibaribe, o que mais me agrada são as escolhas de Kátia Mesel na direção.

O filme é um curta. Talvez por isso, a sua potência real seja muito maior na praticidade e nas ações físicas, no trabalho das mulheres e na multidão que vemos passando pelas ruas (algumas pessoas trabalhando, outras só existindo), do que em qualquer discurso que possa ser usado como justificativa para a existência desses momentos. O discurso não é uma justificativa. Não parece que ele justifica as imagens, mas sim que ele é uma desculpa, um ponto de partida. É algo que não veio para provar um ponto, mas que parte de desse ponto para ter acesso àquilo que existe de mais poético naquele cenário. Entramos aqui um pouco no território do contrabando; o contrabando de ideias e de poesia na forma

de construções protocolares. Não digo que existe um contrabando completo, pois parece ser também do interesse da Kátia Mesel esse protocolo talvez um tanto acadêmico da economia da cidade. Porém, se existe aqui algum discurso como algo a ser alcançado e comprovado, ele é um tanto enfraquecido pela verdade do trabalho e pela força que possui a ausência de qualquer intenção *intelectualóide* vinda de tudo aquilo que vemos. Não só vemos, mas ouvimos. A trilha original de Catia França é algo a parte. É quase como o que Humberto Mauro faz em suas Canções Populares, uma conversa não-didática entre o que vemos e o que escutamos. Não chega a ser didático, pois tanto a imagem quanto a música encontram por si só belezas em tudo aquilo a que se referem. Essas belezas são então moldadas – e filtradas por sensibilidades próprias – em uma forma carregada de poesia. Nada é meramente ilustrativo.



Uma das coisas que ficam, depois de vermos o filme, é a impressão de que Kátia Mesel tem claramente algum tipo de carinho por aquilo que filma, um interesse real pelas pessoas que a câmera encontra e pela verdade trazida por elas por meio do trabalho e de seus poucos depoimentos. Até mesmo o prefeito da cidade (que de todos é a figura que mais parece estar em algum comercial do Ministério da Cultura) é filmado com um interesse não só por aquilo que ele fala, mas pela pessoa que é, pela pequena pose de prefeito que assume e, ao mesmo tempo, pela palpável tentativa de soar como alguém de importância maior enquanto não deixa de ser mais uma de todas aquelas pessoas.

Outra coisa que fica, essa uma das mais importantes, são as imagens que não só grudam na memória, mas que remetem imediatamente a este filme. Penso em duas: a da senhora costurando ao lado de seu marido, que dorme em uma cadeira de balanço, e a da moça casualmente carregando uma máquina de costura na cabeça. No lugar do título acadêmico do filme, poderia haver essas duas imagens. A revolução econômica das mulheres de Santa Cruz do Capibaribe tem muito mais potência somente nessas duas imagens do que na sua forma escrita. Não só isso, mas toda a poesia do filme que o título afoga também vem facilmente nas imagens. Alguém carregando uma máquina de costura na cabeça é algo que eu nunca havia visto antes, e toda vez que dela me lembrar, esse filme e tudo aquilo que

ele me mostra – e que torna também meu o seu fascínio – me virá instantaneamente. Uma das melhores (e mínimas) coisas que um cineasta pode esperar que seu filme alcance é a habilidade de não ser esquecido. Pelos momentos que Katia Mesel filma, Sulanca não é um filme esquecível.



por PEDRO FAVARO